



UTÓPICO E MAQUIAVÉLICO

Revisão e atualização da monografia originalmente apresentada no
Curso Ética e Filosofia Política/95
Prof. Renato Janine Ribeiro
Faculdade de Filosofia
Universidade de São Paulo

Os adjetivos *utópico* e *maquiavélico* estão presentes em todos os idiomas atuais, ostentando significados completamente diferentes, distantes e sem nenhum nexos ligando os dois conceitos. Contudo, quando as duas palavras são justapostas (*maquiavelismo utópico* ou *utopia maquiavélica*) provocam uma estranheza e um arripio no entendimento semelhante àquele registrado por Claude Lefort quando comenta a expressão “*servidão voluntária*”, do livro de Étienne La Boétie.¹ Um “*conceito inconcebível*”, a vontade de servir “*repugna à língua*” porque é um “*fato político aberrante*”. Os dois termos juntos – *utopia* e *maquiavelismo* – é quase um oxímoro, porque as palavras combinam perfídia, ardil e má fé com perfeição política e situação ou lugar ideal.

Utópico e *maquiavélico*, duas noções opostas e divergentes, dois adjetivos, ricos em derivações, presentes nas principais línguas do mundo. Ambos verbetes importantes no pensamento político moderno. Dois conceitos originários de duas obras imprescindíveis em qualquer boa biblioteca: *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel e *Utopia*, de Thomas More. Trabalhos de concepções e composições avessas e politicamente antípodas, em comum têm apenas a contemporaneidade: o primeiro é de 1513, o segundo de 1516.

Pela origem, os livros representam os dois extremos da Europa, as duas bordas do continente, as duas renascenças: a italiana e a nórdica. Momento decisivo, onde os valores gregos e romanos são retomados, ou como modelos, ou como de

¹ - Lefort, Claude, *O Nome de Um*, p. 125 - in La Boétie, Etienne de, *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo, Brasiliense.



trampolim. Todavia, tanto *O Príncipe* quanto *Utopia*, são coisas novas no céu renascentista, astros anômalos, sem modelos prontos na antiguidade.

HISTÓRIA E FORTUNA CRÍTICA DOS LIVROS

O Príncipe de Maquiavel foi escrito em italiano, nova e orgulhosa língua nacional, e duas vezes dedicado aos Médicis, nobres dirigentes de Florença. Em 1513 a Juliano e em 1516, novamente, o manuscrito, precedido de uma interessante carta, foi ofertado a Lourenço.

Utopia de Thomas More foi escrita em latim e trazia uma carta prefácio dirigida a Peter Giles, humanista e funcionário da Cidade de Antuérpia. Foi publicada pela primeira vez em 1516, em Louvain.

Nas décadas imediatamente subsequentes ao aparecimento o destino editorial das obras foi bastante diverso. Durante aproximadamente quinze anos *O Príncipe* permaneceu em manuscrito; e, apesar dos termos da carta dedicatória, foi recebido com discrição e esquecido em algum armário, talvez sem ter sido lido. Os primeiros que o examinaram, acostumados com a errática política italiana, não demonstraram grande interesse. Somente em 1531, quatro anos após a morte do autor e dezoito anos após a oferta a Juliano, o trabalho foi publicado. Causou pequeno impacto inicial, porém, paulatinamente, as edições se sucederam, e, a partir de 1550, se tornou conhecido em toda a Europa culta.²

Outra trajetória teve *Utopia*, a repercussão foi imensa e instantânea, várias e sucessivas edições ocorreram por toda a Europa; já em 1518 alcançou a quarta edição, e em 1551 foi traduzida para o inglês.

A fortuna crítica das obras, conforme prenunciado pelo destino editorial, continuou diversa e divergente. O livro de Thomas More foi antecedido e recebido por opiniões favoráveis das figuras mais representativas do renascimento nórdico. As primeiras edições foram progressivamente acrescidas de todo tipo de textos ancilares incensando o trabalho: poemas, o alfabeto da Utopia, expressivos elogios e recomendações de leitura.³ A facilidade de ter sido escrito em latim, mais as múltiplas traduções, acelerou a divulgação e garantiu o êxito da fantasia política pela Europa toda.

O livro foi modelo literário para as utopias clássicas da Renascença (Francis Bacon - *Nova Atlântida*, Tommaso de Campanella - *A Cidade do Sol* etc); serviu de inspiração para os utopistas socialistas, e, no extremo, para inúmeras

² - Resumo histórico baseado em Chevallier, *As Grandes Obras Políticas de Maquiavel aos Nossos Dias*, pp. 44-48.

³ - Ancillary materials from the early editions, - in *Utopia*, Cambridge University Press.



obras de Ficção Científica. Como não poderia deixar de ser, também se transformou um projeto político efetivo, no século XVI alguns administradores e prelados (como Vasco de Quiroga) ousaram experimentá-lo no México.⁴ A amplitude da aceitação de Thomas More é agudamente confirmada por um comentário de Otto Maria Capeaux, com datação anterior à queda do Muro de Berlim: "o único santo do socialismo [...] tem o seu altar na basílica de S. Pedro, em Roma, e uma estátua em Moscou".⁵ A canonização aconteceu em 1935. Quando teria sido erguida a estátua?

A grande promotora da tardia fortuna crítica de Maquiavel foi Clio, a musa da História, a quem ele sempre permaneceu fiel. A recepção do manuscrito foi quase fria, seus esporádicos leitores iniciais eram reservados e comedidos, a primeira edição aconteceu silenciosa e discretamente. O caráter de cuidado, ocultamento e dissimulação acompanhou por longo tempo os leitores e admiradores d'**O Príncipe**, e se intensificava na proporção em que cresciam os ataques ao autor e à obra. Ambos os lados, católicos e protestantes eram contra o livro. Pior, todos vilipendiavam o escritor e acusavam de *maquiavelismo* os adversários: desde a Fronda atacando Luis XIV até François Mauriac combatendo Hitler.

Como era previsível, a reputação negativa do autor – de pernicioso, maléfico e interdito – se converteu em propaganda e atrativo. Reis, governantes, filósofos e estudiosos, para sondar o que havia por trás da fama, começaram a ler, estudar e refletir sobre o texto, iniciando um crescente movimento de recuperação e revalorização do italiano. Espinosa chamava-o de mestre; Rousseau pretendeu ter revelado o verdadeiro caráter da obra: uma espécie de simulação, panfleto ou paródia séria que procurava evidenciar as reais intenções e ações dos príncipes. Richelieu e Mazarino adotavam e comentavam abertamente a obra e a Itália acabou assumindo o pensador florentino como um de seus grandes patrimônios nacional. A redenção do personagem ainda é, e talvez sempre será, parcial e provisória, porque a adjetivação/substantivação do seu nome permanece danosa. *Maquiavelismo*, *maquiavélico*, os dicionários ensinam, é um complexo cinzento de astúcia, perfídia e má fé. Entretanto a História, feminina como a Fortuna, as duas deusas queridas de Maquiavel, adotaram e protegeram o pensador, "um historiador convencional do passado e um historiador inconventional do futuro [um interventor, um agente], comentário permanente da história europeia inteira até nossos dias."⁶

CONTINUIDADE E ROMPIMENTO

⁴ - Tomás Moro, pp. 31-34, - in Touchard, *História das Ideias Políticas*.

⁵ - Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*, vol. 1-A, p. 624.

⁶ - Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*, vol. 1-A, pp. 486,487.



A eclosão dessas obras, surgidas no mesmo momento histórico, no interior de uma comunidade cultural, tornada internacional por causa do latim, possibilita ilustrar e confrontar duas posturas culturais profundamente distintas. O século XVI foi um período efervescente de adaptação, transmutação e superação das categorias e proposições éticas, morais e políticas da Idade Média. Todas as mentes curiosas procuravam saídas, ansiavam por novos caminhos. Uma das dicotomias que habitava as cabeças pensantes da época era a da continuidade versus rompimento. Nesta chave de leitura os dois livros ocupam posições curiosas e inesperadas.

Thomas More representa a continuidade. A maioria dos estudos críticos aponta que as múltiplas fontes de seu trabalho retomam tanto as ideias clássicas, quanto as medievais. A teoria política é resultante de Platão e Aristóteles; a ética uma combinação de epicuristas e estoicos; e, vem de São Tomás a finalidade do Estado e ideia geral de governo. Em grandes linhas, *Utopia* preserva e propaga a estrutura e a formulação do velho conceito de *Buon Governo*.⁷

É importante notar que Utopus, o paternalista fundador da sociedade perfeita da ilha, que outorgou ao povo uma organização pronta e acabada, tem muitas das qualidades do governante tomista bondoso. Um líder desprendido que almeja o bem estar e a salvação dos cidadãos, em acréscimo, também é um administrador clarividente e empreendedor. É evidente a manutenção subjacente de certos esquemas de pensamento marcadamente judaicos cristãos no livro de More, como o messianismo, a ideia de Paraíso futuro etc. Esses valores ajudam a explicar a boa reputação que o autor e sua obra sempre gozaram junto a Igreja Católica. Também (sem contar o comunismo explícito) justificam sua aceitação pelo materialismo histórico. Alias, alguns autores vislumbram um messianismo latente em Marx, que, em certos aspectos, faz uma apropriação do esquema cristão de Paraíso e salvação.⁸ Efetivamente, é no marxismo que a noção de *utopia* irá desenvolver as mais interessantes e curiosas ramificações, políticas e ideológicas.

Na sociedade proposta por More existem várias e importantes inovações e ideias típicas da renascença: tolerância religiosa, justiça e punição mais branda, valorização do homem e do prazer de viver e muitas outras que, inclusive, se aproximam de temas tratados e ressaltados n'*O Príncipe*. Todavia, jamais acontece o rompimento definitivo com o passado, prevalecem as tradições platônica-agostiniana e aristotélica-tomista. Ou seja, os quadros de referências políticos da Idade Média. Todos os vetores da *Utopia* apontam para o passado, eventualmente transformados, mas sempre carregados de valores políticos e morais pretéritos. As palavras de George Sabine confirmam essa herança: "It

⁷ - Ribeiro, Renato Janine, *O Retorno do Bom Governo*, - in Novais, Adauto (Org.), *Ética*

⁸ - Russel, *História da Filosofia Ocidental*, Livro Seg., pp. 64-65.



*illustrated rather the dying utterance of an old ideal than an authentic voice of the age that was coming into being.*⁹

N'*O Príncipe* tudo é rompimento, inauguração e novidade. A forma, o texto, o estilo direto e enxuto, o *approach*, o tratamento do assunto; seus vetores partem da Renascença para o futuro. Leo Strauss destaca o aspecto fundador do autor: "*Quando a paixão anti-teológica induziu um pensador a dar o passo extremo de por em suspeição a supremacia da contemplação, a filosofia política rompeu com a tradição clássica, especialmente com Aristóteles, e adquiriu um caráter inteiramente novo. O pensador em questão foi Maquiavel*"¹⁰ O estudo constante e atento da História permitiu a Maquiavel superar todas as noções e correntes políticas vigentes, depreendendo diretamente dos fatos e da sequência de acontecimentos o movimento intrínseco da política. Isto é, abstrair-se de todos os discursos, argumentações e ideias preconcebidas para apreciar e avaliar com clareza as ações e procedimentos políticos tal como se davam. O que emerge deste exame é um *modus faciendi* do governo que desconsidera a ética e a moral tradicional, substituindo-as por uma atuação direta, objetiva e utilitarista.

O pensador florentino rompe completamente com todas as ideias e obras políticas anteriores, abandona completamente o discurso, a fala e o campo religioso, "*O Príncipe não menciona a consciência, o bem comum, os tiranos (quer dizer, a distinção entre reis e tiranos), e o céu, n'O Príncipe 'nos' nunca significa 'nos os cristões' [...] em nenhuma das duas obras (O Príncipe e Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio) Maquiavel se refere à distinção entre este mundo e o outro, ou entre esta vida e a outra, também não menciona em nenhuma das duas obras ao demônio ou o inferno; e sobretudo, em nenhuma menciona a alma*"¹¹ É um alienígena futurista desconhecido e solto no século XVI, inominado e não descrito nas ordens medievais. Além e alheio de todas as heresias, por isso uma cruzada se conjura para destruir a criatura e o criador, o livro e o autor, unindo contra eles, extemporaneamente, a antiga *communitas cristiana*.

CONSOLIDAÇÃO DOS SIGNIFICADOS DOS TERMOS

Em português,¹² como em quase todos os idiomas, o nome Maquiavel gerou os substantivos *maquiavelismo* e *maquiavelice*, os adjetivos *maquiavélico* e *maquiavelista* e o verbo *maquiavelizar*. *Utopia*, ela própria um substantivo (como utopismo), gerou, diretamente, os adjetivos *utópico*, *utopista* e *utopístico*, e,

⁹ - Sabine & Thorson, *A History of Political Theory*, pp 404-405.

¹⁰ - Strauss, Leo, *Marsilio de Padua*, p. 284-285 - in Strauss & Cropsey (Comp), *Historia de la filosofia política*

¹¹ - Strauss, Leo, *Nicolás Maquiavelo*, p. 292 285 - in Strauss & Cropsey (Comp), *Historia de la filosofia política*.

¹² - Segundo o Dicionário Houaiss.



indiretamente, como exemplo da fecundidade da ideia, inspirou conceitos extravagantes como *eutopia*, *distopia*, *ecotopia*, *acronia* etc. A compreensão do significado, desenvolvimento e consolidação desse conjunto de palavras é indissociável das circunstâncias de nascimento e percurso dos livros que lhes deram origem. As trajetórias de ambos – termos e obras – são historicamente paralelas, mas raramente se tangenciam e nunca se entrelaçam. Vem daí certamente o sentimento bizarro de vê-los justaposto.

Os conceitos *maquiavelismo* e *maquiavélico* (menos abrangentes e fecundos que *utopia* e *utópico*) raramente constam nos dicionários específicos de Filosofia,¹³ evidenciando o viés fortemente político e popular dos termos. As palavras derivadas de Maquiavel apresentam duas características principais: a primeira, restrita ao substantivo *maquiavelismo*, é a acepção eminentemente técnica, indica a doutrina do florentino e o pensamento baseado nesta doutrina; a segunda, compartilhada por todos os derivados, é a versão mais popular, alude à falsidade, ardil, perfídia, dolo e traição. Em resumo, na significação comum está sempre presente a objeção e a reprovação moral. A questão remanescente é entender por que ocorreu a consolidação desse conteúdo negativo e, em acréscimo, registrar a manutenção deste significado até hoje, apesar da *redenção* de Maquiavel.

São bem documentadas as batalhas de significados, com cargas religiosas determinadas e opostas, que o vocábulo *maquiavélico/maquiavelismo* teve na Inglaterra e na França. Na primeira os católicos o imputaram a Thomas Cromwell e aos protestantes em geral; na segunda os huguenotes o aplicaram a Catarina de Médicis, aos católicos e aos italianos.¹⁴

Entretanto, além e antes das atribuições com sinais trocados, o conceito já carregava, até em potência, um mau significado, faltando apenas um nome para enfeixá-lo; Talvez tenha sido mais uma ironia e uma travessura da Fortuna, a deusa instável, derivá-lo do nome do autor. Este pecado original, presente já na gênese do termo, poderia ser explicado pelo caráter absolutamente novo, inaugural e fundador das ideias de Maquiavel, à margem da religião e da política clássica, da ética e da moral corrente. As ideias do italiano apareceram como um aríete lançado direta e abruptamente de *lugar nenhum*, contra os duradouros e resistentes portais do conceito de *Buon Governo*. A intenção era, *maquiavelicamente*, conforme recomendado pela doutrina d'*O Príncipe*, destruir o lugar em que o *maquiavélico* não podia residir.¹⁵

Recolocando a questão de outra forma: *maquiavélico* e *maquiavelismo* só poderiam alcançar a plenitude de seu significado corrente – execrável e negativo

¹³ - Considerando o *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* de Lalande e o *Dicionário de Política* de Bobbio

¹⁴ - Ver referências na Nota 2.

¹⁵ - *O Príncipe*, cap. V.



– dentro dos quadros conceituais herdados da Idade Média e do tomismo; onde se operava e discutia a política a partir da intenção, não do ato. Se, quinhentos anos depois, popularmente se preserva o mau significado do termo, é porque prevalecem ainda, entre as ideias políticas comuns do povo, as categorias e proposições medievais e tomistas, transmitidas e perpetuadas pela Igreja. Portanto, avaliar como *maquiavelismo* a uma determinada forma de fazer política, talvez possa, em última instância, representar modernidade e avanço funcional.

O ESPAÇO UTÓPICO

Na virada do século XV, por uma série de fatores fortuitos, existia um imenso território *imaginário* e *espiritual* a ser ocupado. Uma parte em processo de lento abandono por um persistente questionamento das noções de Céu, Purgatório e Inferno (de certa forma cartografados e laicizados por Dante); outra parte, recém-anexada pelas viagens marítimas e grandes descobertas. Assim, quando More escreveu seu livro, o conceito de *utopia* pôde reivindicar uma considerável fração desse território. Para essa dimensão ideal migraram todos os desejos, projetos, quimeras, fantasias e sonhos; todo aquele conjunto de ideias, cuja característica principal era a irrealidade, porém atraídas pelos sonhos políticos e sociais. A partir de então esta região recebe um nome e vira a geografia e a terra da eterna possibilidade.

O conceito *utopia/utópico* tem duas acepções claras e incontroversas. Citando o Aurélio, uma comum: "*Descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideal onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas*"; outra, com conotação pejorativa: "*Projeto irrealizável; quimera; fantasia*." Estes significados básicos, com inúmeras variações, são assumidos também pelos dicionários filosóficos e políticos. Entretanto é impossível definir os termos com rigor técnico, tanto pela enorme quantidade de nuances e desdobramentos que as noções comportam, quanto pelas abrasivas cargas ideológicas e políticas que gravitam em torno dos termos.

Dentre a multiplicidade de acepções políticas de *utopia/utópico*, talvez seja interessante destacar aquela que revela o trânsito da palavra pelo pensamento marxista, onde acabou se transformando em uma contundente crítica política, quase um xingamento. Trata-se do *socialismo utópico*, utilizado no *Manifesto Comunista* e aplicado a "*todos aqueles que, segundo Marx e Engels, não queriam ou não podiam ou não podiam nem queriam levar em conta [...] o desenvolvimento decisivo da indústria, do proletariado e da luta de classes*."¹⁶ Este sentido do vocábulo, politicamente endereçado, mostra com clareza uma das

¹⁶ - Buber, Martin, *O Socialismo Utópico*, p. 14.



principais vertentes do conceito, sua utilização como operador e arma política-ideológica.

Em uma compilação bibliográfica realizada em 1968, englobando obras diretamente relacionadas com a noção de *utopia*, foram levantados 695 títulos. Hoje devem ultrapassar três mil.¹⁷ De certa forma, cada nova tentativa de definir o termo se transforma em um tratado sobre política, ética ou estética, como nas obras de Mannheim, Marcuse etc.

UTOPIA MULTIPLICADA

Abrir uma obra que tenha *utopia* no título é como um lance de dados, a variedade dos assuntos tratados é quase infinita. O território conquistado por More é um buraco negro que devora tudo, é um universo em permanente expansão: viagens fantásticas e imaginárias, conquistas das ciências, eldóridos e cidades fantásticas, novos mundos, posições ideológicas e políticas, ensaios psicológicos e psicanalíticos, enfim todos os temas cabem na palavra. Aliás, a relação das obras é tão aleatória e injustificada quanto aquela lista descoberta por J.L.Borges e citada por M.Foucault no início do livro *As Palavras e as Coisas*.¹⁸ Contudo, enquanto a lista de J.L.Borges tem como fio de condutor os bichos, as *utopias* (que não exclui as do próprio J.L.Borges) tem apenas a imaginação, infrene e vasta, como parâmetro.

Três temas aparecem com frequência nestas compilações: Éden, Paraíso e Apocalipse. Esta tríade, apesar de previsível, é inusitada e interessante, evidenciando a abrangência, a extensão e a complexidade abarcadas pelo conceito hoje.

¹⁷ - Maffey, Aldo, Verbete: *Utopia*, p. 1284 in Bobbio & Matteucci & Pasquino, *Dicionário de Política*.

¹⁸ - Foucault, Michel, *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Martins Fontes e Portugalíia, 1966, Prefácio, p. 3

“os animais de dividem em:

a) pertencentes ao imperador,

b) embalsamados,

c) domesticados,

d) leitões,

e) sereias,

f) fabulosos,

g) cães em liberdade,

h) incluídos na presente classificação,

i) que se agitam como loucos,

f) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas”.



Estes três singulares desdobramentos de *utopia* são tratados por Emile Cioram, no livro *História e Utopia*. O trajeto dos pensamentos radicais do autor começa argumentando que o ideal *utopista* é absolutamente necessário, uma vez que a História Cristã é uma viagem entre dois eventos e espaços utópicos, começa com a expulsão do Jardim do Éden e termina com a admissão no Paraíso, em consequência, o sonho *utopístico* é intrínseco, congênito e inato ao homem ocidental. Por outro lado, com o agravamento das crises religiosas, do homem e da sociedade, as *utopias* estão substituindo progressivamente a esperança e certeza do Paraíso; e este movimento tende a se acelerar porque "*a miséria é, efetivamente, a grande auxiliar do utopista [...] ela não pode prescindir dele, tem necessidade desse teórico, desse entusiasta do futuro.*"¹⁹ São estes mecanismos perversos, montados pelas necessidades e desejos absolutos, que constroem as *utopias* e que impulsionam e conduzem as sociedades, na medida em que as orientam e encaminham para o Paraíso – logo ao fim da História. Portanto "*O delírio dos indigentes é gerador de acontecimentos, fonte de história [...] São eles que inspiram as utopias, é para eles que elas são escritas*".

Entretanto, paradoxalmente, a *utopia* está localizada *em parte alguma*, portanto não existe, é impossível. Não é novidade que seu pior lado é quando a alternativa imaginada se realiza: "*uma felicidade feita de idílios geométricos, de êxtases regulamentados, de mil maravilhas repugnantes.*" O mecanismo de produzir *utopias* está desregulado, os *inputs* são os desejos e as esperanças, essenciais e necessárias, porém o *output* é o tédio, a homogeneização, o vazio. Esta aparente aporia: um paraíso desejado, mas inexoravelmente tedioso; não se fecha num círculo vicioso, mas, ao contrário, se transforma numa espiral, porque o fim da História, dependendo da preferência, da inclinação ou da disposição, pode ser também o Apocalipse, que sobrevém a todas as *utopias*.

As ideias de Cioram possibilitam analisar o desejo *utópico* de um novo ângulo, entendê-lo como uma necessidade fundamental do pensamento humano, ou seja, o raciocínio humano é perigosamente *utopista*; neste sentido as *utopias*, cujo mecanismo de constituição o autor detalha, são geradas em profusão, continuamente, pelo pensamento infeliz e solitário. De certa forma, basta imaginar um lugar, uma época, que não seja na terra, no mundo físico, para que seja criado mais um espaço *utópico* ou apocalíptico.

UTOPIA COMO GÊNERO LITERÁRIO

Classificar Thomas More e sua obra em Filosofia, Política ou Literatura é um problema fluido e volátil, porém com base a extensão ocupada nas Histórias

¹⁹ - Citações deste e do próximo parágrafo: *Mecanismo da Utopia*, p. 102 e 103, - in Cioram, Emile, *História e Utopia*,

de cada um destes campos, estatisticamente o tema ficaria mais bem colocado na Literatura. Ao menos é comum encontrar nas Histórias da Literatura um instigante gênero literário que se remete ao livro **Utopia**, responsável por um grande número de ficções político-sociais e, em última instância, desde que a ciência começou a dividir com a religião a faculdade de operar milagres, pela Ficção Científica.

Com base nessa classificação, **Utopia**, como texto literário, tem uma caráter fundador e inaugural, devido talvez a algumas criativas opções de More, tipicamente modernas,²⁰ na medida em que propõem um diálogo *interativo* com o leitor, permitindo lê-la como uma obra aberta e multifacetada. Primeiro, o jogo com os topônimos e nomes próprios: *utopia* – lugar nenhum ou lugar feliz, *anidro* – rio sem água, *amauroto* – a cidade que não se vê e outros. Segundo, a apresentação da obra como ficção, que sendo mais agradável à leitura, ao mesmo tempo permite trabalhar paradoxos, incongruências e ambiguidades sem resolvê-los. Terceira, o recurso de composição (utilizado impiedosamente por Borges), de misturar, em doses precisas, fatos reais. documentação falaz e imaginação desenfreada. Encerrando os exemplos, o uso do *serio-ludere* (*to play seriously*) que permite examinar os vários lados da questão sem se decidir definitivamente por nenhum deles, terreno extremamente fértil para a ironia ou, pior, demagogia.

O EXIGUO ESPAÇO MAQUIAVÉLICO

Em conclusão, quando avaliamos os conceitos *utopia* e *maquiavelismo*, considerando suas importâncias relativas, aferidas pelas histórias das ciências humanas e pelos dicionários políticos e filosóficos, observamos que o primeiro conceito é indubitavelmente mais importante, pelo espaço que lhe é dedicado, pelas questões que coloca etc. Enquanto o segundo, o *maquiavelismo*, se reduz a um procedimento político reprovável, carregado de conotações negativas.

Inversamente, quando confrontamos os livros **Utopia** e **O Príncipe**, utilizando o mesmo critério, constatamos que o segundo é mais importante, porque reformula as bases do pensamento político, alargando seu raio de ação. Maquiavel é preponderante na instauração do Estado moderno, uma vez que sua influência nos pensadores posteriores é imensa.

O Príncipe é quase um manual técnico - escrito aparentemente para circulação interna, mas que de repente vem à público - estilo seco, direto, franco, objetivo, didático e verdadeiro; abstraído "*de períodos sonoros ou de palavras empoladas e floreios ou de qualquer outra lisonja ou ornamento extrínseco*",

²⁰ - Ideias gerais sobre as novidades no texto de Thomas More: Logan, Georgie M. & Adams, Robert M., *Introduction* - in *Utopia*, Cambridge University



condensa todo o saber de um funcionário experiente, competente, observador, bem treinado e especialista no seu trabalho. O autor é tão incisivo e agudo, que vários comentadores restringem e limitam sua abrangência como filosofia política.

Na *Utopia* a questão é diferente, ocorre uma espécie de torção, de cisão sutil na sua origem. Politicamente está voltada para trás, é mais uma imagem do passado do que uma visão do futuro. Tem importância como preservação, não como transformação, contudo, na Literatura sua força, sua novidade é predominante. Como já antecipamos, estabelece um novo gênero. Apresenta-se como uma obra de muitas leituras, cheia de possibilidades, capaz de fecundar ideias. Começando pelo nome, um conceito montado, um neologismo, um substantivo pronto para engendrar significados. Num certo sentido poderíamos dizer que *Utopia* é redundante como política, para ser o máximo de informação como gênero literário. A trajetória é análoga à de *Dom Quixote*, que apesar da honra de ser o primeiro romance, narra, com ironia, um ultrapassado e antiquado ciclo de aventuras de cavalaria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Aurelio, Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986
- Bobbio, Norberto & Matteucci, Nicola & Pasquino, Gianfranco, *Dicionário de Política*, Brasília, Universidade de Brasília, 1986
- Buber, Martin, *O Socialismo Utópico*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1971
- Carpeaux, Otto Maria, *História da Literatura Ocidental*, Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1959
- Chevallier, Jean-Jacques, *As Grandes Obras Políticas de Maquiavel aos Nossos Dias*, Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1982
- Cioram, Emile M., *História e Utopia*, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994
- La Boétie, Etienne de, *Discurso da Servidão Voluntária*, São Paulo, Brasiliense, 1987
- Lalande, André, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1993
- Maquiavel, Nicolau, *O Príncipe*, - in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril, 1973
- More, Thomas, *Utopia*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993
- Novais, Adauto (Org.), *Ética*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991
- Russel, Bertrand, *História da Filosofia Ocidental*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1967
- Sabine, George H., *A History of Political Theory*, Hinsdale-Illinois, Driden Press, 1973
- Strauss, Leo & Cropsey, J., (Comp.), *História de la Filosofia Política*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992
- Touchard, Jean (Dir.), *História das Ideias Políticas*, São Paulo, Publicações Europa América, 1970